

FRANCISCO, Papa. *Deus é jovem: uma conversa com Thomas Leoncini*. Trad. Pe. João Carlos Almeida. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

Jorge Mário Bergoglio nasceu no dia 17 de dezembro de 1936, em Buenos Aires, Argentina. Ingressou no seminário Villa Devoto em 1956, e em 1969 foi ordenado. Nomeado bispo auxiliar de Buenos Aires, no ano de 1992, e anos depois, em 1998, arcebispo, trabalhou incansavelmente a favor dos pobres, sendo eleito cardeal pelo papa Joao Paulo II, em 2001. No ano de 2013, com a renúncia do Papa Bento XVI, Bergoglio foi eleito Papa, aos 76 anos de idade. Com doutorado em teologia, e com sólida formação intelectual, ele dispõe de toda simplicidade que lhe é possível viver, escolhendo como nome pontífice, Francisco, a exemplo de Francisco de Assis. O livro *Deus é jovem*, nasceu de 5 encontros com o jornalista Thomas Leoncini, muito conhecido pela publicação, *Nados Líquidos*, também uma série de entrevistas com o grande sociólogo polonês, já falecido, Zygmunt Bauman.

O tema “jovem” tem sido sempre muito presente no pontificado de Francisco, que teve início em 2013, ano em que aconteceu no Rio de Janeiro a JMJ (Jornada Mundial da Juventude). Para esse ano, está previsto em Roma o sínodo da juventude, do dia 03 a 28 de outubro, com o tema: Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Sendo assim, o livro *Deus é jovem* nasce em um momento importante, em que milhões de jovens em todo o mundo, acompanham os preparativos para o sínodo dos bispos sobre a juventude. Para o português, no Brasil, a tradução foi feita pelo padre Joãozinho, sendo o livro lançado no dia 20 de abril, pela Editora Planeta, mesmo dia em que aconteceu o lançamento mundial da obra.

A guisa de introdução, temos de início as palavras do jornalista Thomas Leoncini, falando sobre como foi o processo de elaboração da obra. Abrindo o diálogo que se estenderá durante todo o livro, Leoncini diz que “no auge do quinto encontro para a preparação deste livro, foi como se ele – o Papa Francisco – quisesse, com as palavras, transmitir algo profundo e libertador” (p. 11). Dizia Francisco, que Deus não é só Pai – e mãe, como

dissera João Paulo I – mas Filho, e por isso irmão. Sendo todos irmãos, o Pontífice pede “maior centralidade para os jovens” (p. 12) que tanto sofrem nas mãos da sociedade de consumo, que muito os usa e descarta.

O primeiro capítulo, intitulado: “Jovens profetas e velhos sonhadores”, apresenta um bloco de 33 perguntas dirigidas ao Pontífice. Nele o Papa fala um pouco de si, de sua juventude, e incentiva os jovens a se aproximarem dos velhos, assim também como os velhos, ou idosos, a não negar sua “velhice”, pois é algo bonito, e também, a não terem medo de se aproximar dos jovens, para que assim, aconteça a “revolução da ternura”.

Para o Papa “a juventude não existe, e quem existe em seu lugar são os jovens” (p. 19), isso porque o substantivo “juventude” distancia da realidade visual, do que é cada jovem em si, como pessoa, como ser humano, como sonhador. Fica evidente que os jovens são muitos fortes e dinâmicos, estão sempre prontos “para partir, para sair em disparada” (p. 21), e por conta dessa dinamicidade, angústia e desolação podem tornar-se realidades inevitáveis.

E depois, na época em que vivemos, parece estar acontecendo uma desumanização do humano, onde o “usar e jogar fora” (p. 29) parece normal. Por isso, o Papa Francisco diz que devemos pedir perdão aos jovens por não os ajudarmos a encontrar o caminho que não os fizesse terminar descartados (p. 30). Isso acontece porque eles, os jovens se põem a trabalhar, por necessidade e vontade de terem suas próprias coisas, mas acabam sendo explorados pelos empregadores com falsas promessas (p. 31), propondo um estágio, que pode até ser gratuito.

Com o “avanço da secularização, e também da crise geral da família” (p. 36), o jovem cresce sem uma tradição religiosa, e assim, numa sociedade sem raízes (p. 38). Viver assim, é não pertencer a ninguém (p. 39). Para salvar-se numa realidade como essa, faz-se necessário “o diálogo com os idosos” (p. 40). Desses os jovens recebem a memória, que são as raízes que podem alicerçar e fundamentar a história deles. Com os jovens os idosos podem voltar a sonhar, por veem nos jovens uma esperança, que os faz jovens profetas, e a isso o Papa chamou de “Revolução da ternura”. Para ele, os velhos sonhadores e os jovens profetas são o caminho da salvação desta nossa sociedade desenraizada (p. 41) de valores.

O pontífice então elenca uma série de doenças que nascem do pecado de quem tem poder na sociedade, e se acha superior. (1) A doença de sentir-se imortal – o narcisismo de quem admira a própria imagem e ignora Deus na face do irmão; (2) “Martalismo”, ou seja, aquela que faz mergulhar no trabalho, e esquecer de sentar-se aos pés de Jesus para ouvi-lo (Lc 10, 38-42); (3) Endurecimento mental e espiritual; (4) Exagerada organização e funcionalidade; (5) Má coordenação; (6) Alzheimer espiritual; (7) Rivalidade e vanglória; (8) Esquizofrenia existencial, fruto da hipocrisia; (9) Murmúrio e fofoca; (10) A doença de divinizar o chefe; (11) Indiferença;

(12) É a cara de enterro, pessoas rudes; (13) Consumismo; (14) A doença de círculos fechados; (15) Exibicionismo.

Dessa maneira, os jovens sendo os profetas da nossa sociedade, “não devem aceitar a corrupção – que é fruto dessas doenças –, porque isso pode acabar como um hábito que os fará partes dessa engrenagem” (p.71).

No segundo capítulo, intitulado “Neste mundo”, segue a sequência de 24 perguntas, que giram em torno dos grandes problemas que atingem a humanidade, por consequências do mau uso do poder, muitas vezes concedido a pessoas fátuas. Temas como: a necessidade de um cuidado maior com o ecossistema, o desenvolvimento de bombas nucleares, guerra, prostituição e migração, são pontos de partida da reflexão do Papa, nesse capítulo.

Segundo o Papa, os jovens estão mais conscientes do cuidado que se deve ter com o ecossistema, e a internet é um meio positivo para isso. No entanto, há quem só pensa em comprar e vender, e ignora a preservação. Mas, “nem tudo pode ser vendido e nem tudo pode ser comprado” (p. 83). Pouco sabe esses que, quem vive no ritmo da sociedade de consumo tem a autonomia limitada (p. 84). Tanto é, que esses que se acham os donos do poder, na verdade se tornam escravos dele. O ser humano se torna refém de sua ganância pelo poder, de sua pretensão de ser Deus.

Cada dia mais se constata que “o homem moderno não foi educado para o uso correto do poder” (p. 90), em tal grau que ver sempre no outro ameaça, e evita o diálogo com a diversidade, que é sempre fecundidade (p. 93). Vemos isso em relação aos migrantes. Eles “não se perguntam por que esse ser humano saiu de seu lar, e se no lugar dele não teriam feito o mesmo” (p. 94). Pois, como irmãos, “devemos nos sentir responsáveis pelo próximo” (p. 95).

“Deus dar aos jovens uma missão, e como profetas que são, não devem ter medo de ‘sujar os pés’” (p. 102). Mas devem ser profetas para não mais olhar o mundo como turistas da vida, e sim como protagonistas (p. 103) e propagadores da esperança. Ainda mais na sociedade que é a favor da prisão perpétua e pena de morte. Sobre isso o Papa Francisco até manda um recado aos chefes de Estado de todo o mundo, diz ele: privar o ser humano da possibilidade, mesmo que mínima, da esperança, significa matá-lo duas, três, quatro, cinco vezes cada dia de sua vida (p. 110). Por isso, a esperança deve ser sempre buscada pelos jovens. E eles a encontrarão em Jesus e Maria, que sempre os escuta. Muitos dizem não ter tempo para rezar, mesmo que seja 15 minutos, o Papa então indica “um aplicativo com o rosário virtual, pois Nossa Senhora não presta atenção na forma, mas na substância (p. 112).

O mundo quer jovens conformados, padronizados (p. 116), e quando descartados, veem nas drogas uma saída. Quem se droga sempre foge (p. 119), assim como o suicida que por vezes foge de seus pecados. Essas duas saídas – droga e suicídio – fazem dos jovens vítimas, principalmente do

condicionamento social, que os usa e depois os descarta. Assim como jovens prostitutas são enganadas com falsas promessas de emprego e acabam reféns da situação. A essas o Papa pede que nos aproximemos, não para perguntar “quanto você cobra?”, mas “quanto você sofre” (p. 123).

No terceiro e último capítulo, – Ensinar é Aprender – o Papa acredita que cada pessoa tem algo a ensinar ao outro, e nessa relação possível com o diálogo, ninguém sai perdendo, pois quem ensina aprende, e quem aprende também ensina. Ao ser indagado a respeito dos modos eficazes de ensinar os jovens, o Papa diz que o mito, pois ele é um modo de conhecer a verdade (p. 132). E para os jovens ele indica, principalmente, o mito de Ícaro e Narciso.

Vemos que uma tendência atual é a de se apegar ao provisório, e aceitá-los como eternidade com prazo de validade (p.136), por ilusão da sociedade capitalista. É dever de todos estimular atividades que coloque o jovem a prova, que o faça sentir-se protagonista (p.142), para não mais ser peça no jogo da cultura do consumismo. Então, a verdadeira cultura florirá, e essa possui 3 idiomas: o idioma da cabeça; do coração; e o idioma das mãos. Faz-se necessário harmonizar essas três linguagens, de forma que: o jovem “pense naquilo que sente e faz; sinta aquilo que pensa e faz, e faça aquilo que pensa e sente (p.145). Logo, educar apenas com os métodos meramente escolares torna-se ineficaz, pois a preparação para o amanhã exige mais do que isso (p. 147). Por fim, o Papa aponta as características que devem sempre acompanhar os jovens: entusiasmo; alegria; senso de humor; e coerência.

Ao analisarmos essa obra, percebemos o grande valor que as reflexões nela contida apresentam, não só para os jovens, mas para todo cidadão, mesmo os não crentes. Sua utilidade é de valor ímpar, e com certeza ajudará aos que o lerem, a serem mais autônomos e protagonistas de uma história que para ser bonita, depende do empenho e dedicação de cada um. Ainda, reconhecendo o esforço do Papa Francisco, que não cessa de buscar meios para fazer com que a mensagem de Jesus, suas palavras e consolo chegue a todos os corações, vemos em suas reflexões, nesse livro, a preocupação de incluir todas as pessoas, sem distinção, para que juntos percebam as malhas do poder, da corrupção, da guerra, do individualismo, do capitalismo e assim, sejam livres. Acreditamos que o título do livro – Deus é Jovem – quer ser um chamado à humanidade a viver a Esperança que em meio a tantas dificuldades de nossa época, pode ser encontrada em Deus, Ele que renova sempre, porque é sempre novo, e faz novas todas as coisas (Ap21,5), e assim, faz-Se jovem; Deus é jovem. No entanto, apesar de sua magnitude, da bonita arte e qualidade de impressão, na edição brasileira concluímos que um erro, talvez de tradução ou edição, tenha deixado confuso um pequeníssimo trecho, que não compromete em nada o conteúdo, mas que é uma alerta aos revisores, para que fiquem atentos, principalmente aos detalhes. Por fim, citamos o trecho: “Estava no pátio da casa da minha mãe materna, sentado à mesa no jardim. Perguntei

à minha avó” (p.25). Mãe materna? Acreditamos que ele esteja se referindo à sua avó materna, pois logo depois faz uma pergunta a mesma.

Francisco Leonardo Batista da Silva